



*Jhonatan Rodrigues*

**O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada**

**The metallic Übermensch, the Nietzschean machine: reflections on The Genealogy of Morals and Ex Machina from the perspective of comparative literature**

Jhonatan Rodrigues<sup>1</sup>

UERJ/SEEDUC

e-mail: [litteraturamimesis@hotmail.com](mailto:litteraturamimesis@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/2297961706321340>

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira(UERJ), Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e graduado em Letras (Português- Literatura) pelo Uniabau. No âmbito de pesquisa acadêmica, seus estudos concentram-se em duas temáticas: a primeira refere-se à tendência contemporânea de produção literária denominada autoficção. O escopo de sua pesquisa, neste caso, volta-se ao resgate das origens do neologismo, tal como à exposição da deletéria vulgarização à qual o termo foi submetido, e na formulação de um conceito que represente satisfatoriamente o fenômeno autoficcional. A segunda temática, o cerne de sua pesquisa e interesse, trata-se de um estudo analítico e sistemático dos romances 'Estorvo' (1991), 'Benjamim' (1995), 'Budapeste' (2003), 'Leite derramado' (2009) e 'O irmão alemão' (2014), todos de Chico Buarque de Hollanda, concedendo primazia, então, à faceta romancista do supracitado autor.



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: ruminações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

**Resumo:** este artigo possui o escopo de realizar uma proposição teórica que consiste numa análise comparatista, minuciosa e cerrada, entre A genealogia da moral, de Nietzsche (1887), e Ex Machina (2015), uma produção cinematográfica do diretor e roteirista Alex Garland, recorrendo a métodos oriundos da literatura comparada. Ao segmentar o artigo em seções específicas, busca-se demonstrar como o modelo filosófico do übermensch irrompe reificado no perfil da máquina-personagem-robô Ava, sendo ela consentânea ao conceito por não ter sido submetida aos processos de moralização social, aculturação e alienação perpetrados pelas convenções sociais, levando em consideração o pensamento nietzschiano. Num primeiro momento, aduzimos a metodologia selecionada para a análise. Em seguida, apresentamos um esboço das obras a fim de familiarizar o leitor e, por fim, aviamos as análises cotejando ambas as produções culturais. A fim de embasar a nossa tese, recorre-se a estudiosos como Roberto Acízelo (2007), Mário Ferreira dos Santos (2009), Sandra Nitrini (2015), entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Nietzsche; *Ex Machina*.

**Abstract:** this article has the scope of making a theoretical proposition that consists of a comparative, detailed and close analysis, between Nietzsche's The Genealogy of Morals (1887), and Ex Machina (2015), a cinematographic production by director and screenwriter Alex Garland, using to methods from comparative literature. By segmenting the article into specific sections, we seek to demonstrate how the philosophical model of the übermensch emerges reified in the profile of the machine-character-robot Ava, which is consistent with the concept as it has not been subjected to the processes of social moralization, acculturation and alienation perpetrated by social conventions, taking into account nietzschean thought. Firstly, we present the methodology selected for the analysis. Next, we present a summary of the works in order to familiarize the reader and, finally, we carry out the analyzes comparing both cultural productions. In order to support our thesis, we resort to scholars such as Roberto Acízelo (2007), Mário Ferreira dos Santos (2009), Sandra Nitrini (2015), among others.

**Keywords:** Comparative Literature; Nietzsche; Ex Machina.

## **1. O método selecionado: Literatura Comparada**

Neste tópico, nosso escopo se concentra na apresentação da metodologia de análise selecionada. Optamos pelo método comparatista, difundido e popularizado nos estudos literários pela Literatura Comparada, que além de referenciar uma maneira de estudar literatura, também já se mostra estabilizada como disciplina acadêmica. Embora a gênese da literatura comparada se situe no século XIX, desenvolvendo-se junto ao historicismo e assimilando consequentemente os ideais de objetividade e de

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: ruminações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.

cientificismo, o ato de cotejar é uma ação natural ao homem e “constitui um dos mais automáticos e intuitivos expedientes do pensamento em geral, não se confinando, é claro, ao campo das pesquisas dedicadas à literatura” (Acízelo, 2006, p.120). Para que possamos estabelecer valores, por exemplo, faz-se necessário que comparemos e que tenhamos algo como parâmetro de nosso ato comparativo.

No nosso caso específico, a comparação não serve de esteio para uma fundamentação valorativa entre obras. Na verdade, ao cotejar as obras que se apresentam como *corpus* de nosso ensaio, pondo-as lado a lado, criando um elo entre ambas, apenas ensejamos evidenciar como as ideias e os conceitos de uma reverberam em outra, como se fazem presentes e perceptíveis, e surpreendentemente associáveis, se as colocarmos em paralelo. Nosso *corpus* se divide em dois: *A genealogia da moral* (1887), de Nietzsche, e a produção cinematográfica *Ex machina* (2015), do diretor e roteirista Alex Garland. A princípio, nossos objetos de estudo podem causar algum estranhamento, visto que advêm de estratos artísticos distintos (literatura e cinema, respectivamente), estão afastados temporalmente em mais de 100 anos e, enquanto um se constitui como obra significativa e basilar da filosofia/literatura do século XIX, o outro é uma produção artística que se insere naquilo que se intitula comumente como cultura de massa, sendo o cinema um dos grandes representantes e difusores dessa cultura.

Se nos atentarmos com certo esmero à história e ao desenvolvimento da literatura comparada, iremos decerto coligir que um método de análise comparatista embasado em duas obras de natureza distintas só nos é viável no atual panorama dos estudos literários, mormente no estado contemporâneo do estatuto da literatura comparada. Não nos é pertinente, neste ensaio, uma exposição minuciosa dos desdobramentos da literatura comparada, porém é preciso ressaltar, a fim de justificar nosso método escolhido, que a supracitada disciplina pode ser dividida em três fases distintas<sup>2</sup> e também analisada sob a perspectiva de três escolas, cada uma imbuída de

---

<sup>2</sup> Em uma primeira fase, a literatura comparada possuía uma configuração próxima aos preceitos da história literária, sendo aquela apenas uma ramificação desta, imersa em comparações mecânicas de fontes e influências que levavam em consideração, para a comparação, elementos extraliterários. Em uma



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

suas especificidades. Primeiramente, temos a “escola francesa (positivista, historicista e assinalada por acentuado sentimento nacional), coincidente com o comparativismo por assim dizer clássico, sistematizado principalmente me universidades da França” (Acízelo, 2006, p.136); Também há “escola norte-americana (ecclética, tolerante, sem doutrinas ou programas unificados, bem como alheias a preocupações nacionalistas)” (Acízelo, 2006, p. 136); e , por fim, há a “escola russa, marcada por um entendimento que concebe a literatura sobretudo como produto da sociedade” (Acízelo, 2006, p. 136).

A escola norte-americana figura como a vertente teórica mais flexível e elástica no que tange aos seus objetos de estudo, não cerceando o ato comparatista estritamente à análise de duas obras literárias, estando permitida a comparação entre produtos artísticos ou culturais de diferentes nichos, nem exigindo que sejam cotejadas obras de tradições literárias distintas. Destarte, ao cotejarmos uma obra literária a um filme, colocamo-nos, tradicionalmente, sob prescrição da escola norte-americana de literatura comparada, vertente mais transigente, cuja característica principal consiste “num questionamento constante do objeto da literatura comparada e num contínuo clamor pela ampliação de seu campo de estudos” (Nitrini, 2015, p.122) e que, hoje, encontra-se diluída em métodos, conceitos e orientações teóricas que dão à literatura comparada novas possibilidades de pesquisa e de desenvolvimento de temas. Enfim, sua área de atuação “aproxima-se dos estudos culturais” (Acízelo, 2014, p.30).

Por fim, ao leitor mais atento ao estatuto do texto literário, também acreditamos engendrar algum estado de *estranhamento* ao aderirmos ao método da literatura comparada para executarmos os objetivos de nosso ensaio. Afinal, enquanto o filme *Ex Machina* indubitavelmente se revela como um produto de natureza artística, é possível categorizar *A genealogia da moral* da mesma forma, ou, mais congruentemente, como

---

segunda fase, uma reação à primeira, tendo como líder revolucionário o teórico René Wellek, a literatura comparada abdica do método anterior e passa por um momento que a aproxima dos propósitos formalistas, dando ênfase ao estudo intrínseco do texto literário em suas análises comparatistas. Já na terceira fase, a literatura comparada tem seus preceitos e métodos diluídos na teoria culturalista, torna-se mais dútil em seus métodos e na escolha de seus objetos de estudo.

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.

uma *obra literária*? Sem tencionar nos aprofundarmos muito no tema, nem problematizar o suficiente para prolongar este tópico, sabemos ser o conceito de literatura, na Teoria Literária, objeto de pujantes e controversas querelas. Carente de elementos que nos permitam rotular objetivamente um texto como literário, a literariedade parece eficaz, mas é constantemente retrucada, recorremos de modo contundente e muito conciso à oposição de dois conceitos tradicionais de literatura que configura uma dicotomia para o tema. No sentido mais amplo, segundo Compagnon, a

literatura é tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama literatura oral, doravante consignada). Essa acepção corresponde à noção clássica de ‘belas-letras’ as quais compreendia tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não somente a ficção, mas também a história, a filosofia e a ciência, e, ainda, a eloquência (Compagnon, 2012, p.31).

Trata-se do sentido amplo, ou *lato sensu* da literatura, quando o termo em questão ganha a carga semântica que abrange todo o conjunto de escritos, a produção cultural impressa, ou, em alguns casos, mesmo a oral. Contudo, também temos um sentido restrito: a literatura é

parte do conjunto da produção escrita, e, eventualmente, certas modalidades de composições verbais de natureza oral (não escrita), dotadas de propriedades específicas, que basicamente se resumem numa elaboração especial da linguagem e na constituição de universos ficcionais ou imaginários (Acízelo, 2007, pp.46-47).

Optamos, aqui, compreender *A genealogia da moral* sob o conceito amplo de literatura, o que nos permite conceder o rótulo de obra literária aos escritos nietzschianos e de, assim, justificar o nosso método comparatista advindo das possibilidades propiciadas pela literatura comparada, em que um livro e um filme podem ser cotejados sem objeções, pois são, ambos, produtos culturais e sociais.

No tópico seguinte, realizaremos um esboço de *Ex machina* a fim de familiarizar ou contextualizar o leitor que não teve contato com o filme, apresentando seu tema e seu enredo, tal como também discutiremos, com o mesmo intuito, acerca da estrutura de *A genealogia da moral*.



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

## **2. Contextualizando o leitor: Ex Machina e A genealogia da moral, o que abordam, o que são?**

### **2.1 Ex Machina e os limites da inteligência artificial**

*Ex machina* é uma produção cinematográfica produzida em 2015, cujo roteiro e direção pertencem a Alex Garland. O longa é um filme bastante singular, pois suplanta o estereótipo dos filmes de puro entretenimento para nos infundir reflexões acerca de aspectos de nossa contemporaneidade, sobretudo, no que tange ao avanço e ao progresso vertiginoso de nossos dispositivos tecnológicos, sendo estes, no contexto aqui abordado, máquinas ou robôs imbuídos de uma inteligência artificial que lhes concede quase total autonomia.

No filme, o gênio e extravagante Nathan Bateman (Oscar Isaac), dono do motor ou sistema de buscas mais popular do mundo, o *Bluebook*<sup>3</sup>, realiza uma espécie de loteria cujo objetivo é sortear um *ganhador* para passar uma semana em sua casa, que fica isolada em um local entre as montanhas. Caleb Smith (Domhnall Gleeson), um prodigioso e habilidoso programador da empresa de Nathan, é sorteado e considerado, conseqüentemente, o vencedor da loteria. Ao chegar à casa do dono e criador do *Bluebook*, Caleb é apresentado ao projeto secreto que tem sido desenvolvido por Nathan: um robô autônomo equipado com uma inteligência artificial que coaduna em si todas as informações captadas por celulares e computadores de todos os usuários do *Bluebook* ao redor do mundo. Em outras palavras, com um cérebro idêntico a um motor de buscas, o robô possui informações sobre tudo e sobre todos, baseadas em dados colhidos nos mais diversos equipamentos tecnológicos. O verdadeiro objetivo

---

<sup>3</sup> Quando pensamos no plano da realidade, o *Bluebook* equivale simétrica e perfeitamente ao *Google*, nosso motor de buscas e pesquisas até então mais popular.

designado a Caleb suplanta o inicial e esperado curto período de férias em um local esporádico e se revela como uma peculiar missão: realizar o teste de *Turing* com o robô desenvolvido por Nathan. O teste de *Turing*, grosso modo, consiste em um experimento em que um humano e uma máquina interagem entre si, sem que o humano saiba previamente que está interagindo com uma máquina. Se o humano, ao findar a interação, considera que está falando com uma pessoa, a máquina passa com sucesso no teste. A máquina, o robô, precisa, então, demonstrar um comportamento e um padrão de respostas e de diálogos que sejam idênticos ou equivalentes aos de um ser humano, não permitindo que a pessoa desconfie de que está conversando com uma máquina.

Nathan deseja saber se Ava, o robô desenvolvido por ele, é capaz de expressar e sentir emoções e não apenas reproduzi-las ou emulá-las do ser humano. Ava realmente possui uma consciência própria ou apenas seleciona e organiza dados em seu sistema para emular a emoção e a expressão humanas mais pertinentes para algum momento? Para elucidar esse problema, Caleb é convocado e enceta uma sequência de sessões fechadas em que dialoga diretamente com o robô. O filme, então, é segmentado nestas sessões em que Caleb gradativamente vai estabelecendo diálogos e se envolvendo em conversas mais íntimas e desenvolve uma relação de amizade e mesmo de desejo pelo robô, que ardilosamente possui expressões e estética femininas. No fim, Ava, provando ter uma consciência própria, ludibria e seduz Caleb, voltando-o contra Nathan e fazendo com que o programador a ajude a escapar da sala em que permanecia confinada na casa de Nathan. Depois, sem nenhum remorso ou consciência de culpa, mata seu criador, esfaqueando-o fria e deliberadamente e abandona Caleb trancado em um sala, fadado à morte. O desfecho do filme, além de representar o paroxismo do drama típico das tragédias gregas, mostra Ava integrando-se à sociedade, mesclando-se indistintamente aos seres humanos, deixando uma ponte para uma possível e potencial sequência para o filme.

O longa nos incute reflexões acerca dos limites e dos perigos de se desenvolver uma inteligência artificial tão poderosa, que seja capaz de pensar e agir por si mesma, possuindo um conhecimento e um conjunto de informações que sejam mais amplos e



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

mais vastos do que os de qualquer ser humano. Essa inteligência artificial passaria agir, então, consoante apenas a sua *vontade*.

## **2.2 A genealogia da moral: dissertações nietzschianas reveladoras das origens e das finalidades da moral**

*A genealogia da moral* é uma das obras fulcrais para se entender o pensamento nietzschiano. Escrita em 1887, portanto, no fim do século XIX, ela mantém o estilo agressivo, contundente e ferino tão típico de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e reflete a louvável e fascinante, quiçá assustadora, erudição do filósofo alemão em sua empreitada intelectual de revelar uma genealogia minuciosa acerca das origens e da finalidade da moral na sociedade: de entender como os valores morais se originaram, desenvolveram-se e como se deformaram, aviando uma crítica de tais valores.

A obra está segmentada em três dissertações distintas, cada uma preconizando um eixo temático específico, de acordo com as pretensões do autor, seguindo um critério de logicidade e desenvolvimento que impressiona por sua lucidez e fluidez textuais. Na primeira dissertação, o filósofo alemão pondera e discute os conceitos de bom e mau, bem e mal, pondo em pauta a arguta inversão de valores realizada pelos sujeitos considerados inferiores, os pobres, os miseráveis e fracos, originalmente entendidos como sujeitos maus. Tal inversão fez dos sujeitos superiores, movidos pelos instintos, pelo poder e privilegiados com sua posição social, os indivíduos a serem encarados como celerados. Neste primeiro momento do livro, Nietzsche engendra uma profunda desconstrução desses conceitos (bom, mau) e das fabricações de ideais provenientes deles, cujas posições extremadas, constituintes de um maniqueísmo cristalizado e naturalizado, parecem-nos tão naturais e irrefutáveis, quase sempiternas e pertencentes intrinsecamente à existência humana. Será que nossa intelecção do que seja uma ação boa ou um bom sujeito realmente concerne à origem genuína daquilo que se

entendia como bom? As elucubrações da primeira dissertação se concentram empenhadamente nestas questões.

Já na segunda dissertação, em suma, Nietzsche narra a origem da consciência humana, do sentimento de dever e de culpa, da origem da má consciência e do surgimento da memória no homem. Um ser, segundo o filósofo alemão, propenso ao esquecimento. Com aquela abordagem textual que não se permite a nenhum requinte de mitigação em sua performance, Nietzsche demonstra como a violência, o horror e as mais deploráveis punições foram responsáveis pela criação de uma memória e de uma consciência no homem, a fim de que ele fosse domesticado e domado, tornando-o confiável, impingindo-o a conter seus instintos, a autocontrolar-se para o bem da comunidade, tornando possível viver em sociedade. Essa supressão de si e das paixões revela a origem da má consciência, a internalização dos instintos que não descarregam, catalisadora do homem doente e fatigado de si mesmo. Em suma, Nietzsche desvela os dispositivos de autocontrole e controle, interno e externo, respectivamente, que auxiliaram no processo de domesticação do homem. E essa domesticação pela moral ocorreria às expensas de muito sangue e sofrimento, embora, precisamos ressaltar, Nietzsche tenha frisado que o ser humano possui em seu âmago certo prazer em ver sofrer, sobretudo em fazer sofrer. Nessa dissertação, além das origens da memória, culpa, dever, má consciência e da natureza intrinsecamente perversa do ser humano, Nietzsche discorre sobre o castigo, não apenas enfatizando sua origem e sua causa, mas também as suas finalidades.

Por fim, na terceira e mais extensa dissertação, após tendo preparado o território para ela com as duas dissertações anteriores, o filósofo alemão aborda a origem e a finalidade dos ideais ascéticos. Trata-se do momento mais hermético da obra, cujas exposições do filósofo atingem um patamar de abstração que requer uma leitura mais atenta e morosa, não poucas vezes, uma releitura renitente e ainda mais lenta. Resumindo, na terceira dissertação, Nietzsche dissecará as relações e os usos dos ideais ascéticos para alguns perfis de indivíduo. O uso dos ideais ascéticos pela figura dos artistas, dos filósofos, dos defeituosos, dentre os quais o próprio filósofo se inclui, das



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

mulheres, dos santos e, claro, da figura que recebe maior primazia, o sacerdote (Nietzsche também relaciona o ideal ascético ao campo da ciência e da história). O sacerdote é o elemento mais insigne de *A genealogia da moral*, pois é o produtor da cultura, age por intermédio da eloquência e da inteligência, é um criador de valores e aquele que redireciona o ressentimento do homem, que não mais se volta contra os seres poderosos e superiores, mas contra si mesmo.

Cada perfil recorre aos ideais ascéticos para alguma finalidade e de um modo distinto, em um maior ou menor grau de envolvimento, em uma escala que vai da utilidade do ideal ascético para a afirmação de si e da própria existência, caso peculiar dos filósofos, a uma escala de deterioração e de uma ação deletéria, no caso dos sacerdotes, os ressentidos e negadores da vida terrena.

Em cada perfil, o filósofo alemão se detém e explica com esmero o uso que tais sujeitos fazem dos ideais ascéticos e a finalidade que eles têm para o homem. Para Nietzsche, o que mais malogra o homem não é o sofrimento em si, mas o sofrimento sem uma causa específica, sem se saber por que se sofre, e o ideal ascético surge como uma panaceia ideal para explicar o sofrimento humano, encontrando nisso a sua finalidade: sofre-se por um motivo, por uma razão, e o sacerdote ascético redireciona a culpa desse sofrer para o próprio homem. O homem sofre porque é pecador. Temos então uma finalidade para o ideal ascético e um sentido para a dor e a sofreguidão humanas. O ideal ascético preenche o vazio e a falta de sentido da dor, cria valores, nega a vida telúrica em prol de uma vida outra, transcendente e embasada na ideia de Deus. A terceira dissertação encerra-se com uma sentença que define e resume perfeitamente esse terceiro momento da obra, ou, talvez, todo o livro em si: “o homem deve preferir a vontade do nada a nenhuma da vontade” (Nietzsche, 2016, p.150).

**3. Obras em interseção: uma breve análise comparatista entre o filme e alguns elementos nietzschianos, sobretudo conceitos presentes na obra *A genealogia da moral***

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.

Chegamos ao zênite de nossas ponderações, à culminância daquilo que nos propusemos refletir ao pôr em paralelo obras tão dessemelhantes em suas naturezas e tão distantes no tempo. Adiante, apresentamos considerações acerca dos conceitos de bom e mau sob perspectiva nietzschiana, extraídas de *A genealogia da moral*, e a aplicação desses conceitos no filme *Ex Machina*, levando em consideração a singularidade das personagens Caleb e Ava. Também discutiremos sobre o perfil do robô presente no filme, objetivando demonstrar como características e ideais do homem superior, livre e salutar, algo que se aproxima do conceito de Super-Homem nietzschiano, são perceptíveis na índole e no modo de agir de Ava, o que nos avaliza identificar nela uma versão robótica do Homem Superior idealizado por Nietzsche.

### 3.1. Meu malvado favorito: quando o mau é bom e o bom é mau

*As coisas, em si mesmas, não são nem boas nem más; é o pensamento que as torna desse ou daquele jeito.*  
(Hamlet)

Ao homem subserviente à moral e domesticado, ao homem cujos instintos foram amainados pelas rédeas da moral, a idiossincrasia das personagens Caleb e Ava permitiria, inserindo-as em um molde maniqueísta (bom e mau), uma categorização automática e sem grandes reflexões acerca dos tipos ontológicos aos quais cada personagem pertence. Caleb seria o bom e benevolente; Ava seria a réproba e desprezível. Reproduziríamos assim um quadro muito típico e comum em qualquer enredo: um agente do bem rivalizando e opondo-se a um agente do mal. Contudo, ponderemos, melhor e mais nietzschianamente falando, *ruminemos*: a ideia que remete ao conceito de bom, estigmatizado e arraigado no imaginário popular como alguém condigno de ser admirado, de representar o progresso e o aperfeiçoamento da humanidade, de ser superior e possuir uma pureza anímica, não poderia ser especiosa, falsa ou, no mínimo, estar errada? E se, recorrendo às origens dos conceitos de bom e

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

mau, não descobríssimos que aquilo que entendemos hoje como um bom sujeito não fosse, na verdade, na origem dos termos e em sua ideia primordial, alguém inferior e ruim? Nietzsche nos incita a realizar tal reflexão, logo no início de sua *A genealogia da moral*:

Até agora nunca se duvidou nem se hesitou de atribuir um valor do ‘bem’ superior ao ‘mal’, ao valor do progresso, da utilidade, inclusive o futuro do homem. E por quê? Não poderia ser verdade o contrário? Não poderia haver no homem ‘bom’ um sintoma de retrocesso, um perigo, uma sedução, um veneno, um ‘narcótico’ que desse vida ao presente a ‘expensas do futuro’? Uma vida mais agradável, mais inofensiva, mas também mais mesquinha, mais baixa? (Nietzsche, 2016, p.28)

Nietzsche enceta, assim, uma orientação à desconfiança e ao questionamento daquilo que tradicional e moralmente depreendemos como bem e mal, ou bom ou mau. Pensemos nas estruturas das personagens Caleb e Ava a fim de que possamos vislumbrar essa desconstrução de arquétipos idealistas operada por Nietzsche.

Embora Caleb tenha sido *sorteado* e aparentemente laureado pelo acaso para passar uma semana na casa de Nathan e ali conhecer e se envolver com os testes e os diálogos com Ava, no fim do filme, Nathan revela a um Caleb profundamente consternado e atônito que a sua seleção não foi um caso fortuito: foi feita baseada nas entradas das pesquisas realizadas por ele no *Bluebook*, pelas quais Nathan pôde analisar o perfil subjetivo de Caleb: suas preferências, interesses, consumos...

Esse conjunto de informações oriundas das pesquisas de Caleb mostraram, na percepção e nas palavras do próprio dono do *Bluebook*, a delineação de um perfil de “um *bom* garoto... com um senso de *moralidade*”. Íntegro, equânime, sincero, gentil, romântico, comedido e mesmo recatado, Caleb representa, para o público, o estereótipo ideal do *bom sujeito*. Estereótipo que é endossado, quando o público se conscientiza de que Ava manipulou, seduziu e ludibriou o ingênuo e bom Caleb, deixando-o aprisionado e condenado à morte. Para que não haja dúvida, ressaltamos que a condição de Caleb como uma boa pessoa é enfatizada ainda na metade do longa, quando, em uma sessão de perguntas proposta e protagonizada por Ava, o robô indaga se Caleb é ‘uma boa

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.

pessoa'. Após alguma digressão causada por uma sensação de desconforto sentida por Caleb, Ava insta na pergunta e ele a responde, dessa vez contundentemente: “sou, eu acho que sou”. Em contrapartida, as ações premeditadas, frias, calculistas e com fins de engodo de Ava, além do fato de ter matado seu criador, parecem sem objeção alçá-la ao patamar execrável dos vilões, daqueles que entendemos como maus sujeitos. Caleb, o sujeito que se deixou ser ludibriado, manipulado, explorado em suas debilidades e fraquezas, é o indivíduo bom; Ava, aquela que se mostrou forte, irredutível, sedutora, arguta, que logrou seu objetivo traçado, a fuga de seu confinamento, é reconhecida como um indivíduo mau. Sob a perspectiva nietzschiana, decerto, seríamos impelidos a realizar uma inversão desse panorama: E se fosse Caleb o *mau* e Ava a *boa*?

Para Nietzsche, os conceitos de bom e mau possuem origens cuja significação primeira discrepa em demasia das ideias que os conceitos emanam para nós atualmente. O bom era o nobre, o superior, o forte, aquele que nomeou a sua própria ação como boa em si, enquanto o mau era o plebeu, o miserável e o fraco. Segundo Nietzsche, há um equívoco no conceito de bom:

O juízo ‘bom’ não emana daqueles a quem se prodigalizou a ‘bondade’. Foram os mesmos ‘bons’, os homens distintos, os poderosos, os superiores que julgaram ‘boas’ as suas ações; isto é, ‘de primeira ordem’, estabelecendo esta nomenclatura por oposição a tudo quanto era baixo, mesquinho vulgar e vilão. (Nietzsche, 2016, p.32)

Os poderosos e superiores, originalmente, foram os que por si mesmos e seguindo suas vontades consideraram suas ações e escolhas como boas, sobretudo boas porque lhes eram pertinentes. A estratificação e o distanciamento entre o nobre e o plebeu, o forte e o fraco engendraram a origem dos conceitos antitéticos de bem e mal, como podemos asseverar com Nietzsche: “o sentimento geral, fundamental e constante de uma raça superior e dominadora, em oposição a uma raça inferior e baixa, determinou a origem da antítese entre ‘bom’ e ‘mau’” (Nietzsche, 2016, p.33).

Destarte, originalmente, segundo o filósofo alemão, aquele que era reconhecido e autodeclarado como bom se encontrava no patamar mais nobre da sociedade: o poderoso e nobre, que agia segundo as prerrogativas proporcionadas por seus haveres e



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

por seu poder, fazendo o que era bom para si mesmo. Esse homem forte e não domesticado, amoral, via na inófia do homem miserável, vulgar e fraco a representação perfeita do sujeito mau. Cōncios dessa origem dos conceitos antinômicos de bom e mau, é-nos possível aventar a possibilidade de uma revisão das categorias concedidas a Caleb e Ava, propondo-as de maneira outra, agora sob viés nietzschiano, em que podemos vislumbrar Caleb como a personagem a ser encarada como má e Ava como a personificação do indivíduo bom. Afinal, Caleb é o fraco, o ludibriado, impregnado pela moral e pela retenção de seus instintos, tornando-se *inferior*, enquanto Ava age como os homens fortes e nobres, agindo sem rédeas e movida por sua vontade e desejos, sem remorso e sem ressentimento, o que a tornaria *superior*. Levando em consideração as dicotomias forte/fraco, superior/inferior, Ava se sobrepõe com grande vantagem a Caleb: Ava, então, é o personagem bom, Caleb, o mau.

Nietzsche postula que essa oposição conceitual entre bom e mau foi invertida com proficiência por aqueles que eram tidos como fracos, impotentes e consequentemente maus, tal inversão propiciou a intelecção atual que temos sobre tais noções. Ainda segundo o filósofo alemão, foram os judeus<sup>4</sup>, os precursores da moral do ressentimento, que protagonizaram essa inversão. As agruras provenientes da insatisfação pela condição de inferioridade, pela dominação dos mais fortes, pela miséria, pela privação às prerrogativas que a riqueza e o poder proporcionam e que estavam designadas apenas aos poderosos, fomentaram a engenhosa rebelião daqueles que eram considerados baixos e inferiores. E foi a partir da moral e da transvaloração, a ideia e o conceito de um deus, uma verdadeira panaceia, que deram uma nova perspectiva, invertida, à ideia de bom e mau:

Só os desgraçados são bons; os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons; os que sofrem, os necessitados, os enfermos são os piedosos, são os benditos de Deus [...]; pelo contrário, vós, que sois nobres e poderosos, sereis

---

<sup>4</sup> Para Nietzsche, “os judeus com uma lógica formidável, enfrentaram e inverteram temivelmente a escala dos valores (‘bom’ é igual a ‘nobre’, igual a ‘poderoso’, igual a ‘formoso’, igual a ‘feliz’, igual a ‘amado de Deus’)” (NIETZSCHE, 2016, p. 39).

por toda a eternidade os maus, os cruéis, os cobiçosos, os insaciáveis, os ímpios, os réprobos, os malditos, dos condenados. (Nietzsche, 2016, p.39)

Assim, o ser superior, indômito, poderoso e (auto)reconhecido como *bom*<sup>5</sup>, sob os preceitos da moral do ressentimento, criada pelos oprimidos e inferiores, passou a ser encarado como um sujeito inerentemente *mau*, mormente por exercer seu poder e volição sem as rédeas de quaisquer pensamentos morais ou sob o regimento da compaixão. O domínio e o poder são exercidos em prol da satisfação de suas vontades.

Acreditamos que as exposições feitas tenham de algum modo desconstruído os paradigmas conceituais que envolvem e caracterizam o discernimento que temos acerca das definições de *bom* e *mau*. Auxiliados pelos argumentos ferinos de Nietzsche, vimos que as noções originais de bom e mau diferem bastante daquilo que nos é comumente apresentado e do que é difundido na sociedade, o que torna pertinente e justificável essa nossa proposta de reflexão acerca destes conceitos, levando em consideração os perfis das personagens Caleb e Ava. Moralmente, em um movimento tão maquinal que não nos suscita nenhuma necessidade de ponderação, identificamos Caleb como a personagem que representa o bem, e Ava, a personagem que representa o mal. No entanto, se dissipamos a venda imposta pelos princípios morais e recorremos às origens dos conceitos de bom e mau, é possível alterarmos as posições destas personagens nesse sistema maniqueísta: Caleb, o ser inferior, débil, moral, que se deixa ser levado e devastado pelo poder e pela vontade de Ava, remete-nos ao perfil do originalmente *Mau*, como já abordado anteriormente; em contrapartida, por todas as características já associadas à Ava, por sua superioridade, força e vontade de dominação, por não ter sua ação cerceada nem *reprimida* por um conjunto de preceitos morais, figuraria como a figura do sujeito *Bom*.

### 3.2 O *Übermensch* metálico: a máquina nietzschiana

---

<sup>5</sup> Sobre isso, vale ressaltar que o Bom, o Nobre, o Poderoso, segundo Nietzsche, “tira do seu próprio ‘eu’ a ideia fundamental de ‘bom’, donde tira, por antítese, a de ‘mau’” (NIETZSCHE, 2016, p. 44). O mal e o maligno, para o poderoso, vêm do ódio gerado pelo ressentimento e pela insatisfação dos inferiores e miseráveis.



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

*O maior mal é necessário para o maior bem do Além-Homem.*  
(Nietzsche)

Os dispositivos culturais e morais agem como cerceadores do plenitude do homem, tolhendo-lhes o livre espírito e a ação de sua força volitiva. A moral transforma o *animal homem* em um *homem animal* confiável, manso, débil, doma-o e torna possível sua inserção em uma vida comunitária e protegida pelas benesses da sociedade. Podemos entender, assim, a moral como uma convenção (e uma necessidade) social, um lenitivo para a circunscrição dos instintos do homem. Essa perspectiva é atestada por Nietzsche, ao nos atermos à seguinte passagem de *A genealogia da moral*: “a finalidade de toda cultura é domesticar a besta humana, para fazer dela um animal manso e civilizado, um animal doméstico” (Nietzsche, 2016, p.46).

Esse homem limitado e combalido, cuja vontade se encontra submissa às rédeas da moral, é acossado por uma má consciência repressora de todos os seus mais primordiais instintos. É necessário ressaltar que a ideia de uma má consciência aqui explorada tende a distinguir-se daquilo que está arraigado na consciência popular. Popularmente, má consciência seria uma espécie de conjunto de pensamentos consternadores que deflagraria uma autoflagelação psicológica ou um remorso por uma ação realizada e entendida como *má*, uma ação ruim da qual o sujeito se arrepende ou se lamenta. Todavia, sob perspectiva do pensamento nietzschiano, a má consciência é “o estado mórbido em que devia ter caído o homem quando sofreu a transformação mais radical que nunca houve, a que nele se produziu quando se viu acorrentado à argola da sociedade e da paz” (Nietzsche, 2016, p.81). Essa transformação radical foi engendrada pelas convenções morais que romperam abruptamente com o instinto de liberdade, de poder e de dominação do homem anterior à moral.

O homem moralizado tem seus instintos amestrados e amainados. Ele já não age com a espontaneidade e a imprudência que regem a expressão de seus instintos mais

animalescos, pois nele operam os mecanismos da moral. E foram as exigências *contra natura* da moral que permitiram que a má consciência surgisse como um freio violento e lancinante para a ação da vontade mais rudimentar e primordial existente no homem: a liberação e a satisfação de seus instintos. Contudo, com a má consciência “todos os instintos que não descarregam para fora voltam para dentro” (Nietzsche, 2016, p.81)<sup>6</sup>, num processo de acúmulo interno de instintos não despendidos que desencadeiam uma autoflagelação psicológica extremamente corrosiva para o homem. Podemos depreender, então, a má consciência como uma espécie de cilício da moral que ao se comprimir na supressão de um instinto não descarregado, punge e assola o homem, e, deste modo, “veio ao mundo a maior e mais perigosa de todas as doenças, o homem doente de si mesmo” (Nietzsche, 2016, p.82), doença oriunda “de uma declaração de guerra contra os antigos instintos que antes constituíam a sua força de vontade e o seu temível caráter” (Nietzsche, 2016, p. 82). Temível e indômito, acrescentaríamos. Um animal doente e fatigado de si mesmo, moralizado, domado, feito fraco e friável, necessitando a todo instante cercear seus instintos em prol das convenções sociais e morais, em prol da boa convivência na sociedade, de um bem coletivo e superior, entretanto, em detrimento da expansão e realização de sua individualidade.

Para Nietzsche, esse homem em declínio, chafurdado em suas restrições e em sua fraqueza, deve ser *superado*. E é o *übermensch*, um conceito nietzschiano bastante decantado e célebre, que postula a superação desse homem deteriorado, exaltando, em contrapartida, o ideal de um homem perfeito. De conotações herméticas, a explicação do conceito supracitado geralmente nunca é tão clara e contundente. A tradução, em

---

<sup>6</sup> Obras distintas podem manter entre si um vínculo intertextual que as coaduna sutil ou explicitamente, dependendo do nível dessa intertextualidade. É interessante e significativo notar como algumas ideias ou pensamentos estão em simbiose, concatenados, nas obras *A genealogia da moral* e *O mal-estar na civilização* (1930), de Sigmund Freud, como se esta fosse uma releitura mais coetânea daquela, ou uma perspectiva outra sobre assuntos afins. Por exemplo: a ação deletéria da má consciência, que reprime os instintos e voltam para dentro do homem, surge de forma bem similar em uma passagem textual de Freud: “A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja é dirigida contra o próprio Eu” (FREUD, 2011, p. 69). Freud lança mão de um discurso propriamente psicanalítico, mas o princípio argumentativo da retenção dos instintos é o mesmo visto em Nietzsche: a supressão dos instintos faz com que eles se internalizem, acumulem-se no interior do homem causando-lhe dor e tolhendo-lhe a felicidade, que é a satisfação da vontade.



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

língua portuguesa, normalmente nos apresenta os vocábulos Super-Homem e Além-Homem como equivalentes ao termo pensado por Nietzsche. No que tange ao conceito, o Além-Homem nietzschiano nos remete a uma ideia de que “o homem é algo que deve ser superado” (Nietzsche, 2009, p.18), representa o homem em seu estágio definitivo e superior, desprendido de sua subserviência à moral, à cultura, à religião, senhor de si e movido por sua volição. Em uma extensa e detalhada nota de rodapé de *Assim falava Zaratustra*, elaborada para se dissecar o conceito do Além-Homem, o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos (2009, p.21), exímio especialista na obra de Nietzsche, argumenta que “o Além-Homem é o tipo que alcança o mais alto acabamento. É a plenitude do ser homem, o homem humanamente acabado, completo, realizando as suas perfeições, sem deixar de ser homem”. Portanto, trata-se do homem já não escravo da moral, dos ideais ascéticos ou de sentimentos disseminadores do sofrimento, como a compaixão. Em outras palavras, o Super-Homem é “o indivíduo soberano, o indivíduo próximo de si mesmo, o indivíduo livre da moralidade dos costumes, o indivíduo autônomo e supermoral” (Nietzsche, 2016, p.59).

Ora, mas o que essas ponderações, que erigem uma dicotomia acerca do homem moralizado e o homem senhor si e soberano, o Além-Homem, têm a ver com o filme *Ex machina*? Elas nos são extremamente consentâneas para que possamos sugerir a existência de um perfil de Além-Homem na constituição da personagem Ava, o robô equipado com uma imensurável e rebuscada inteligência artificial movida por motores de busca. Enquanto Caleb nos incute a ideia de homem escravo da moral e dos costumes sociais, autodeclarando-se uma ‘boa pessoa’, nascido e criado em uma sociedade que tende a suprimir os instintos humanos, Ava desempenha uma conduta bastante divergente daquela vista nas ações de Caleb. Ava é uma representação sutil e perspicaz daquilo que seria o Além-Homem, segundo seus fundamentos e premissas de ação.

Ava, não obstante ser uma máquina, age consoante os seus instintos e sua volição: ao ter consciência de que ela teria suas memórias e dados formatados em prol da

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.

implantação de uma versão superior, e movida por um pujante desejo de conhecer o mundo além da sala onde vivia confinada, Ava enceta um conjunto de estratégias que a leva a manipular, a seduzir, a persuadir e a ludibriar e, por último, a matar a fim de que sua vontade e seus desígnios sejam logrados, a qualquer custo, sem eivas morais, sem remorsos ou compaixão. Ela age guiada estritamente por seus instintos, e, por ser uma máquina, instintos artificiais, tal como a sua inteligência.

Eis a ironia presente nessa conjuntura: o perfil do Além-Homem é vislumbrado em uma máquina, talvez carregando em si a ideia de que o Além-Homem é uma impossibilidade para o indivíduo, ao menos para o indivíduo contemporâneo. Aquilo que Nietzsche compreende como o homem definitivo e superior talvez esteja em um patamar assaz idealizado e mesmo intangível para o homem coevo, restando a máquina como única representante possível e capaz de pôr em prática os ideais do Além-Homem. Ora, alguns dados, no caso de Ava, ajudam a corroborar nosso argumento: Ava, nossa máquina nietzschiana, possui informações extraídas de todos os celulares e computadores do mundo, sua inteligência artificial é incomensurável e continua a ser expandida ininterruptamente, visto que é composta por um motor de busca imbuído de dados e conhecimento sobre tudo já produzido pelo homem. Ava, o que é mais relevante e primacial para nosso raciocínio, não foi submetida aos processos de moralização social, nem foi moldada por algum dispositivo cultural. Enquanto, nós, indivíduos, nascemos e logo somos aculturados e impingidos a compactuar e nos adaptar às convenções morais e aos costumes e hábitos da sociedade, criando uma noção de bom senso e ética que reprime nossos instintos animais e nos torna confiáveis e mansos, ‘sociáveis’, Ava não passou por esses processos, e por não ter um *senso moral*, age irreduzivelmente conforme os seus instintos (*artificiais*) e sua volição. *Ela cria seus próprios valores.*

Ava não tem compaixão, não abdica de realizar uma ação *má* desde que ela seja particularmente *boa* para si, que lhe traga benefícios e auxilie na satisfação de suas vontades. O ato de matar, ato perpetrado contra seu criador, não gera remorso, consciência de culpa nem a decisão do ato em si lhe vale alguma hesitação: matar é



*O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada*

apenas uma ação que visa a eliminar um intempestivo obstáculo que se interpõe entre ela e a satisfação de sua vontade, no caso o desejo de fugir de seu confinamento e evitar a formatação de seus dados, que equivaleria a sua morte. E como não teve sua natureza domada e amestrada pela moralidade, a má consciência deflagrada pela repressão violenta dos instintos inexistente. Destarte, Ava é um ser forte, movido pela vontade de potência e por seus instintos, o que nos incute indubitavelmente o conceito de Além-Homem, ainda que, como sabemos, ela seja uma máquina e não um humano.

Apregoar que Ava concretiza em certo grau a ideia do Além-Homem nos permite afirmar, remetendo ao título do nosso ensaio, que Nietzsche *Ex machina*. Nietzsche surge da máquina. A assertiva se justifica ao levarmos em consideração as ponderações aviadas no decorrer deste ensaio, ao colocarmos filme e livro em paralelo: pudemos perceber conceitos, temáticas e ideias postulados por Nietzsche reverberando inegavelmente na constituição da personagem-máquina Ava. Ava é a reificação de alguns dos conceitos nietzschianos, uma máquina guiada por seus instintos indômitos e por sua volição avassaladora e dominante, destituída de qualquer moralidade, de qualquer fenecimento de espírito, uma expressão inaudita e peculiar de um *übermensch* metálico<sup>7</sup>, provavelmente não vaticinado nem pelo Zarathustra de Nietzsche.

## Referencias

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução Paulo César de Souza. – 1. Ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

---

<sup>7</sup> Ava é uma máquina com consciência, uma inteligência artificial que se esquivou do controle do homem e passou a aprender sozinha. Por ter um motor de buscas como seu cérebro, como sua matriz cognitiva, ela coadunou em si mais conhecimento o que qualquer outro ser humano. A ausência total dos rituais de moralização operados pelas sociedades ou culturas em geral a levou a agir instintivamente, guiada apenas por sua vontade de potência. Esse cenário parece ser restrito e específico à ficção, contudo, máquinas com inteligências artificiais similares à de Ava já foram produzidas, erigindo diversas controvérsias e acalorados questionamentos acerca dos limites do avanço da tecnologia e os danos que ele pode causar ao homem.

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: rumações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.



Jhonatan Rodrigues

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A genealogia da moral*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falava Zarathustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*: História, Teoria e Crítica. – 3. ed. 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. *História da literatura*: trajetória, fundamentos, problemas. 1. ed. – São Paulo: É Realizações, 2014.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. *Iniciação aos estudos literários*: objetos, disciplinas, instrumentos. – São Paulo: Martins Fontes, 2006

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. *Teoria da literatura*. – 10ª ed.- São Paulo: Ática, 2007

#### **Referência audiovisual**

*Ex Machina*: instinto artificial. Direção: Alex Garland. Produção: Andrew Macdonald. Reino Unido: DNA Films, 2015, DVD.

Recebido em:08/05/2024.

Aceito em: 20/08/2024.

RODRIGUES, Jhonatan. O Übermensch metálico, a máquina nietzschiana: ruminações sobre A genealogia da moral e Ex Machina sob a perspectiva da literatura comparada. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 23-42.